

**MÍMICA *VERSUS* EXPERIÊNCIA EM ADICHIE E KINCAID:  
O IMPÉRIO NA PERSPECTIVA DO COLONIZADO**

*Luana Caetano Thibes\**  
*Isaiás Francisco de Carvalho\*\**

**RESUMO:** A perspectiva do colonizado em relação aos impérios foi ignorada por séculos, sendo levado em conta apenas um dos lados da história: o dos vencedores. Pretendemos discorrer sobre esse outro lado negligenciado, ao perscrutar as expectativas do colonizado ao percorrer o caminho inverso: migrar de seu país para o chamado centro. Para tanto, analisamos o romance *Americanah* (2013), de Chimamanda Ngozi Adichie, e o conto “On seeing England for the first time” (1991), de Jamaica Kincaid, contando com o aporte teórico de Ashcroft et al (1989), quanto à mímica do centro, além da teoria de Bhabha (1998), no que concerne à articulação social da diferença, e dos estudos de Fanon (2008), acerca da discriminação do branco em relação ao negro subjugado. Concluímos que a perspectiva do colonizado pode ser envolta por expectativas positivas ou negativas em relação ao império britânico e que tais expectativas podem ser derrubadas ou reforçadas pela oportunidade de conhecer o país que as produziu.

**PALAVRAS-CHAVE:** Literatura nigeriana; Colonização britânica; Literatura caribenha; Pós-colonial.

---

\* Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Letras: Linguagens e Representações da Universidade Estadual de Santa Cruz - UESC.

\*\* Doutor em Teorias e Crítica da Literatura e da Cultura. Professor de Literaturas Anglófonas e de Língua Inglesa, vinculado aos programas de Mestrado em Letras: Linguagens e Representações e Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS) da Universidade Estadual de Santa Cruz - UESC.

## Introdução

*The space between the idea of something and its reality is always wide and deep and dark.*

*On seeing England for the first time, Jamaica Kincaid*

Durante séculos, a única história reproduzida sobre os grandes acontecimentos mundiais era a do ponto de vista da cultura ocidental dominante. Isso implica dizer que aprendemos sobre o “descobrimento” de continentes que já estavam habitados há milhares de anos, sobre costumes “bárbaros” de povos que tinham sua própria organização sociocultural e sobre intervenções indispensáveis realizadas em países que não pediram ajuda. Entretanto, com os avanços tecnológicos, chegamos à chamada era da globalização, quando aqueles que foram silenciados começaram, nas agora possíveis intensas trocas de mercadorias e de encontros culturais, a encontrar oportunidades de contar o seu lado da história. Essas culturas, antes subjugadas, têm provado que tinham e têm muito a dizer e que sabiam e sabem muito bem como dizê-lo.

Essas histórias narradas pelo (ex-)colonizado, pelo habitante dos países que em algum momento da História grandes impérios ocidentais acreditaram que necessitavam de dominação e subjugação, são uma porta para a compreensão de novas culturas e pontos de vista, de versões de uma história que acreditávamos já ter entendido. Configuram a oportunidade de conhecimento não só de outros povos, mas de outros estilos desenvolvidos por outras criações e outros antecedentes. A proposta deste artigo é apresentar brevemente duas obras pós-coloniais anglófonas e analisar os pontos de vista do (ex-)colonizado quanto ao (ex-)colonizador – nesse caso, o colonizador britânico, especificamente –, como os habitantes de países anteriormente dominados pelo então império britânico cresceram enxergando o “Velho Mundo” e como eles passam a enxergá-lo após finalmente conhecerem de perto o país fruto de seu imaginário.

As obras selecionadas foram escritas por autoras negras que cresceram em países considerados periféricos e subdesenvolvidos, com pouco tempo de independência da Grã-Bretanha: *Americanah* (2013), da nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie, e “On seeing

England for the first time” (1991), da antiguana Jamaica Kincaid. Em ambas, podemos observar o lado do colonizado quanto a uma história que já conhecemos: a expansão do império colonial britânico, que teve seu ponto alto no século XIX. A partir do olhar de Obinze, no romance de Adichie, e da narradora do conto de Kincaid, conhecemos uma Inglaterra envolta em expectativas, positivas ou negativas, e em definições implantadas pelo colonizador, quanto ao valor do europeu para o resto do mundo. Conhecemos também a Inglaterra com que os personagens se deparam, com o olhar carregado de todo o conhecimento que eles adquiriram crescendo em países colonizados, ou recém-independentes.

Para embasar a pesquisa, contamos com o aporte teórico de Ashcroft (1989), quanto à mímica do centro, a necessidade do colonizado, levado a acreditar em sua inferioridade, de mimetizar o colonizador em busca de aceitação. Além disso, também nos baseamos na teoria de Bhabha (1998), ao discorrer sobre a articulação social da diferença e de que forma ocorre a aceitação – ou não – dos hibridismos culturais, e nos estudos de Fanon (2008), no que concerne à discriminação do branco colonizador e seu complexo de superioridade quanto ao negro colonizado. Atentamos ainda para a caracterização do narrador pós-colonial, conforme teorização empreendida por Carvalho (2009).

O artigo se estrutura em três partes. Na primeira, intitulada “Mímica do centro”, desenvolvemos uma análise quanto à imagem que os habitantes dos países colonizados pela Inglaterra nutrem do colonizador. Em seguida, na seção intitulada “Experiência”, perscrutamos qual é a realidade que esses colonizados encontram ao chegar ao país, sua ex-metrópole, se essa imagem é modificada ou reforçada e qual é a visão que eles passam a ter do (ex-)império a partir de então. Por último, observamos qual é a visão dos britânicos quanto a esse negro colonizado que chega a seu país e como eles tratam os visitantes, na seção intitulada “A discriminação do colonizador”.

Com essa organização estrutural, intentamos traçar o caminho inverso percorrido pelos ex-colonizados (representados nas obras sob análise), para chegarem ao “famigerado” império, que teve tanta influência em suas (de)formações e experiências pessoais.

Ademais, também objetivamos expor a força da narrativa do antes silenciado, comprovando que sua opinião tem tanto valor quanto a da cultura dominante, além de expandir o alcance de divulgação das obras analisadas aqui. Partindo dessa proposta, acreditamos que, no papel de leitores privilegiados, podemos nos posicionar do outro lado da história, ouvir novas versões e garantir o direito do ex-colonizado de se fazer ouvir.

### Mímica do centro

O império colonial britânico foi um conjunto de domínios governados pela Inglaterra, que teve seu ápice durante quase todo o século XIX, tornando a Grã-Bretanha uma potência mundial. Fizeram parte desse domínio países de todos os continentes conhecidos no mundo contemporâneo, e muitos conservaram traços desse colonialismo até os dias atuais. É o caso dos dois países a que voltamos nosso olhar neste artigo: Nigéria, na África, e Antígua e Barbuda, no Caribe. Desses países surgiram escritoras e escritores dispostos a contar seu lado da história. Como narradores pós-coloniais, se depararam com a tarefa de representar a voz de uma comunidade inteira, que se via antes silenciada. Essa é a perspectiva assumida por Carvalho, ao afirmar que

A experiência pessoal do narrador principal [...] faz com que lhe seja delegada a tarefa da doação de voz aos silenciados da História (com H maiúsculo). Trata-se de um narrador que diz *Nós*, ou uma multiplicidade de narradores, numa polifonia em que vozes anônimas da coletividade encontram um *meio* possível e produtivo de expressão. (CARVALHO, 2009, p. 8).

Nesse caso, Adichie (2013) e Kincaid (1991) representam essa “multiplicidade de narradores”, ao escreverem sobre a realidade de suas comunidades e denunciarem de que forma a imposição da cultura ocidental hegemônica afetou seus respectivos países. Na Nigéria se passa a narrativa de Adichie – *Americanah* –, sobre um casal de jovens que, por motivos diversos, migram para países de cultura predominantemente ocidental. O romance permite acompanhar a rotina das personagens enquanto ainda moram na África, bem como a imagem que constroem dos considerados países de primeiro mundo. Tam-

bém permite observar quem são esses jovens que cresceram em meio à cultura imposta, misturada a seus próprios costumes, e quais são as expectativas que eles criam da vida no exterior.

O conto de Kincaid – “On seeing England for the first time” –, por sua vez, é ambientado na ilha de Antígua. A narradora discorre sobre como foi crescer em um país colonizado, um país que prestava contas a outro, e que tinha costumes impostos pela Inglaterra. A escritora-narradora faz diversos apontamentos sobre o desgosto de crescer tendo a obrigação de aprender sobre um país tão distante, com o qual ela, enquanto cidadã antiguana, não tinha nenhum vínculo.

Ambas as obras contêm representações do indivíduo colonizado que desenvolveu uma imagem de seu colonizador. Entretanto, a imagem construída por Obinze – em *Americanah* – difere da imagem da narradora de “On seeing England for the first time”. Enquanto Obinze e seus colegas têm uma imagem extremamente positiva da Inglaterra, a narradora antiguana nutre uma imagem negativa do ex-império.

Podemos observar a construção da imagem britânica pelos nigerianos representados em *Americanah* no excerto a seguir:

‘The French school is not bad, but I prefer Sidcot Hall. They teach the complete British curriculum’ [...]

‘Oh, yes, Sidcot Hall,’ Kosi said. ‘It’s already on top of my list because I know they teach the British curriculum.’

[...]

‘If you decide to disadvantage your child by sending her to one of these schools with half-baked Nigerian teachers, then you only have yourself to blame,’ Mrs. Akin-Cole said. She spoke with the unplaceable foreign accent, British and American and something else all at once, of the wealthy Nigerian who did not want the world to forget how worldly she was, how her British Airways executive card was choking with miles. (ADICHIE, 2013, p. 35-36).<sup>1</sup>

<sup>1</sup> ‘A escola francesa não é ruim, mas prefiro a Sidcot Hall. Eles seguem o currículo britânico completo.’ [...] ‘Ah, sim, Sidcot Hall’, disse Kosi. ‘Está no topo da minha lista justamente porque sei que seguem o currículo britânico.’ [...] ‘Se decidir colocar sua filha em desvantagem mandando-a estudar numa dessas escolas com professores nigerianos de meia-tigela, a responsabilidade é sua’, disse a sra. Akin-Cole. Ela falava com aquele sotaque estrangeiro impossível de identificar, que misturava britânico, americano e mais alguma coisa, tudo ao mesmo tempo, dos nigerianos ricos que não queriam que ninguém esquecesse como eram viajados, como seu cartão executivo da British Airlines estava repleto de milhas. (ADICHIE, 2014, p. 28-29).

Para esses nigerianos, tudo que for importado da cultura ocidental é melhor. As duas mulheres discutem sobre opções de escolas na região, e enquanto ficam na dúvida entre duas instituições com currículos europeus, descartam imediatamente o próprio ensino nigeriano. Para elas e para muitos outros personagens representados no romance, a produção nacional é inferior. Qualquer oportunidade de acesso ao importado deve ser aproveitada. Nota-se que forçar um sotaque que não é africano é visto com bons olhos. Mostra que a pessoa é viajada. Não apenas viajada, mas viajada para os lugares “certos”. Para os cidadãos com melhor condição financeira, a forma mais efetiva de ostentar sua situação vantajosa é deixar claro que tiveram acesso à educação ocidental.

Essa necessidade de se provar “viajado” e íntimo da cultura e dos costumes do colonizador é descrita por Ashcroft (1989) como uma “mímica do centro”, em que o colonizado se esforça para imitar o colonizador na tentativa de ser aceito e ascender socialmente:

[...] a mimicry of the centre proceeding from a desire not only to be accepted but to be adopted and absorbed. It caused those from the periphery to immerse themselves in the imported culture, denying their origins in an attempt to become ‘more English than the English’. (ASHCROFT, 1989, p. 4).<sup>2</sup>

Nessa perspectiva, o colonizado busca não só por aceitação, mas por adoção e absorção, pelo desejo de se igualar ao colonizador, visto que lhe foi sempre dito que sua cultura era inferior à cultura europeia. Aqueles que o dominaram e subjugarão, entretanto, nunca o acharão bom o suficiente, nem o enxergarão como igual. Por isso, essa necessidade de se tornar “mais Inglês que o próprio Inglês” acaba se voltando para seus próprios conterrâneos, de quem espera admiração e reconhecimento.

---

<sup>2</sup> [...] uma mímica do centro proveniente de um desejo não apenas de ser aceito, mas de ser adotado e absorvido. Isso fez com que aqueles da periferia mergulhassem na cultura importada, negando suas origens em uma tentativa de se tornar ‘mais Inglês que o próprio Inglês’. (ASHCROFT, 1989, p. 4; tradução nossa).

Por seu turno, a narradora antiguana de Jamaica Kincaid também apresenta essa necessidade de seu povo de mimetizar o colonizador, quando descreve o costume de seu pai de usar apenas roupas fabricadas na Inglaterra:

The shoes he wore to work would have been made in England, as were his khaki shirt and trousers, his underpants and undershirt, his socks and brown felt hat. Felt was not the proper material from which a hat that was expected to provide shade from the hot sun should be made, but my father must have seen and admired a picture of an Englishman wearing such a hat in England, and this picture that he saw must have been so compelling that it caused him to wear the wrong hat for the hot climate most of his long life. (KINCAID, 1991, p. 366).<sup>3</sup>

Essa passagem mostra que o antiguano está disposto – pois imposto – a imitar o britânico, mesmo que os costumes reproduzidos na Europa não façam sentido em sua realidade. No contexto em que o conto se passa, Antígua ainda fazia parte do império colonial britânico, e o nativo antiguano geralmente tem acesso a informações do império apenas por mapas, figuras e produtos importados que chegam para seu consumo. Nessa falta de proximidade com o país que os domina existe muito espaço para o imaginário. Com a imposição da cultura britânica no dia-a-dia do antiguano, o nativo da ilha caribenha está muito mais suscetível à crença de que as coisas importadas da Europa são muito melhores que as nacionais.

A narradora antiguana, entretanto, assume uma postura diferente do nigeriano Obinze, e mesmo de seu pai antiguano, ao nutrir ressentimento em relação ao colonizador, antes mesmo de conhecer de perto a Inglaterra. A imagem que ela constrói do britânico e da Grã-Bretanha é eloquentemente negativa. Seu contato com o império só servirá para reforçar a ideia – e o ódio – que ela já havia desenvolvido.

---

<sup>3</sup> Os sapatos que ele usava para o trabalho foram feitos na Inglaterra, assim como suas camisas e calças cáqui, suas cuecas e camisetas, suas meias e seu chapéu de feltro marrom. Feltro não era o material apropriado para um chapéu que deveria prover sombra para o sol quente, mas meu pai deve ter visto e admirado uma figura de um homem Inglês usando esse tipo de chapéu na Inglaterra, e essa figura deve ter sido tão atraente que o fez usar o chapéu errado para o clima errado a maior parte da sua longa vida. (KINCAID, 1991, p. 366; tradução nossa).

## Experiência

No esteio da caracterização que Carvalho (2009) apresenta, ao analisar o poema *Omeros*, de Derek Walcott (1994), acerca do narrador pós-colonial – emblemático, neste trabalho, por Jamaica Kincaid e Chimamanda Adichie –, as duas narrativas aqui abordadas mesclam vivências alheias, mas enfocam primordialmente as reminiscências do vivido pelas próprias personagens-narradoras protagonistas, em suas experiências com seus outros personagens antiguanos e nigerianos, nos contatos com o território e com a cultura do império britânico. De fato, para essas narradoras pós-coloniais, “[...] o caráter relacional e coletivo, a partir da experiência vivida, [lhes] é central, mesmo que seja uma narrativa inviável para muitos, mas que é [...] um risco que deve sempre ser corrido.” (CARVALHO, 2009, p.8). O risco de generalizações trazido por essa autorrepresentação, ao buscar representar vozes coletivas de seus povos, é aceito por essas duas escritoras. Cabe a seus leitores – como o tentamos fazer aqui – a tarefa de problematizar esses lugares narrativos.

Por esse ângulo da experiência vivida, nesses textos pós-coloniais, as/os personagens representadas/os finalmente chegam à Europa, e podem ver se suas expectativas criadas em torno do imaginário do (ex-)império britânico se tornarão realidade ou não. No romance de Adichie (2013), Obinze se mantém ilegalmente na Inglaterra, enquanto sua namorada se muda para os Estados Unidos, em trânsitos nos quais podemos acompanhar seu “descobrimento” do velho império e de suas atuais configurações sociais e culturais. O jovem estudante nigeriano tem uma grande decepção, pois cresceu ouvindo falar das vantagens e da grandiosidade do velho mundo. Ao chegar à Inglaterra, encontra apenas dificuldades para ser aceito devido a sua condição irregular e do preconceito que direcionavam a ele:

He sat on the stained seat of the noisy train, opposite a woman reading the evening paper. *Speak English at home, Blunkett tells immigrants.* [...] There were so many of them now published in the newspapers, and they echoed the radio and television, even the chatter of some of the men in the warehouse. [...] articles were

written and read, simply and stridently, as though the writers lived in a world in which the present was unconnected to the past, and they had never considered this to be the normal course of history: the influx into Britain of black and brown people from countries created by Britain. Yet he understood. It had to be comforting, this denial of history. The woman closed the newspaper and looked at him. [...] Was she wondering whether he was one of those illegal immigrants who were overcrowding an already crowded island? (ADICHIE, 2013, p. 320).<sup>4</sup>

Obinze “sente na pele” o preconceito com o qual nunca precisou lidar enquanto morava na Nigéria. Essa rejeição o faz se decepcionar com o país de que tanto ouviu falar e do qual esperava que o ofereceria uma vida melhor. Ele percebe que a imagem de superioridade vendida pelo colonizador só diz respeito ao próprio colonizador europeu. Por mais que o africano-nigeriano se esforce para mimetizar os costumes e a cultura ocidental, talvez nunca venha a ser aceito como igual, tendo que se contentar com uma vida marginalizada.

O jovem nigeriano também aponta a dificuldade do britânico em aceitar a imigração de cidadãos de países chamados subdesenvolvidos para a Inglaterra, o que Bhabha (1998) descreve como um “embate de fronteira acerca da diferença”, ao afirmar que:

A articulação social da diferença, da perspectiva da minoria, é uma negociação complexa, em andamento, que procura conferir autoridade aos hibridismos culturais que emergem em momentos de transformação histórica. [...] Os embates de fronteira acerca da diferença cultural têm tanta possibilidade de serem consensuais quanto conflituosos; podem confundir nossas definições de tradição e modernidade, realinhar as fronteiras habituais entre o público e o privado, o alto e o baixo, assim como desafiar as expectativas

---

<sup>4</sup> Obinze se sentou no assento manchado do metrô barulhento, diante de uma mulher que estava lendo a edição vespertina do jornal. A manchete era FALEM INGLÊS EM CASA, DIZ BLUNKETT A IMIGRANTES. [...] Havia tantos assim nos jornais e apenas repetiam o que era dito no rádio e na televisão e até na conversa de alguns homens do depósito. [...] esses artigos eram escritos e lidos, de forma simples e histórica, como se seus autores vivessem num mundo onde o presente não tinha ligação com o passado e nunca tivessem considerado que esse era o curso normal da história: a chegada em massa à Inglaterra de negros vindos de países criados pelo Reino Unido. Mas Obinze entendia. Só podia ser reconfortante negar a história daquela maneira. A mulher fechou o jornal e olhou para ele. [...] Será que estava imaginando se ele seria um daqueles imigrantes ilegais que entupiam uma ilha já cheia de gente? (ADICHIE, 2014, p. 217).

normativas de desenvolvimento e progresso. (BHABHA, 1998, p. 21).

Em *Americanab*, esses embates conflituosos são destacados. Dessa forma, as minorias ficam em posição ainda mais marginalizada, apesar da hibridização cultural. Os imigrantes que compõem essa minoria enfrentam não só as barreiras físicas impostas pelos países dominantes, mas principalmente as barreiras sociais. O olhar discriminatório dos europeus, a indiferença, a frieza e a antipatia fazem-se presentes em quase todos os âmbitos de suas vidas. Esse tratamento negativo faz com que a imagem da Inglaterra como um país de oportunidades seja abalada, e pode reforçar ou destruir a noção de superioridade imposta pelo colonizador.

Esse reforço ocorrerá quando o colonizado passa a aceitar a imposição de sua inferioridade, comprando a ideia de que de fato nunca se igualará ao colonizador e de que deve abaixar a cabeça enquanto indivíduo subjugado. Já a destruição da noção de superioridade ocorre quando o colonizado não só cria ressentimento do (ex-)colonizador, mas adota a percepção de que esse (ex-)colonizador é um indivíduo mesquinho que não conhece sua história e seu passado e que o inferioriza em busca de autoafirmação. Jamaica Kincaid (1991) ilustra esse segundo caso quando a narradora antiguanã, que já tinha uma visão negativa do império, finalmente vai à Inglaterra, onde vivencia o desagrado do europeu quanto a ela:

[...] who are these people who forced me to think of them all the time, who forced me to think that the world I knew was incomplete, or without substance, or did not measure up because it was not England; that I was incomplete, or without substance, and did not measure up because I was not English. (KINCAID, 1991, p. 374).<sup>5</sup>

---

<sup>5</sup> [...] quem são essas pessoas que me forçaram a pensar neles o tempo todo, que me forçaram a pensar que o mundo que eu conhecia era incompleto, ou sem substância, ou não valia a pena porque não era a Inglaterra; que eu era incompleta, ou sem substância, e não valia a pena porque eu não era Inglesa. (KINCAID, 1991, p. 374; tradução nossa).

O relato (justificadamente?) ressentido da narradora antiguaná mostra que ter a cultura ocidental dominante introduzida à força em sua vida não a fez admirar os ingleses. Pelo contrário, essa imposição a fez vê-los de forma curiosa e rebelde. Em seu contato com os britânicos, ela se questiona sobre essas pessoas, que chegam a ser descritas como frágeis, e sobre como elas se impuseram como superiores. Essa consideração ecoa Frantz Fanon, quando afirma que a “[...] inferiorização é o correlato nativo da superiorização europeia. Precisamos ter a coragem de dizer: *é o racista que cria o inferiorizado.*” (FANON, 2008, p.90; grifos do autor).

### **A discriminação do (ex-)colonizador**

Enquanto o colonizado não tem outra escolha a não ser aceitar a imposição da hegemonia ocidental ou se revoltar com a inferiorização a que é submetido, o (ex-)colonizador, em geral, sempre o discriminará, acreditando de fato que sua cultura é superior enquanto os habitantes de países previamente dominados mantêm costumes bárbaros suavizados pela influência da colônia. Essa noção é reforçada por políticas migratórias preconceituosas e excludentes, que colocam o imigrante de países em desenvolvimento como indesejado e causador de tumulto em seu país.

Para esses imigrantes, a vida no país dominante é difícil, pois apesar da crença implantada pelo colonizador de que seus costumes eram superiores, o indivíduo que migra de países marginalizados para países centrais nunca se sentirá incluso em todas as vantagens que lhe foram prometidas. Logo, as expectativas criadas em torno do imaginário construído sobre a metrópole são derrubadas, e além de enfrentar essa decepção, o imigrante – ou visitante – que chega ao (ex-) império também enfrentará o preconceito e a exclusão provenientes do cidadão europeu que resiste à ideia da hibridização que inevitavelmente ocorrerá com a presença desses novos habitantes. Esse preconceito se apresenta em forma de discriminação exposta ou velada, e de maus tratos e piadas de mau gosto direcionadas a eles pelo europeu:

Once, when he tripped and landed on his knee, a fall so heavy that he limped back to the truck, the driver told the others at the warehouse, 'His knee is bad because he's a knee-grow!' They laughed. (ADICHIE, 2013, p. 312).<sup>6</sup>

Obinze, enquanto imigrante africano e negro, tem que lidar não apenas com sua decepção com o (ex-)império, mas com o desagrado do império com sua presença. Todo o tempo ele é lembrado que não é bem vindo pelos habitantes da Inglaterra, pelas duras políticas migratórias e pelas manchetes dos jornais que afirmam que o país está abarrotado de pessoas e os imigrantes o estão tumultuando mais ainda. Na realidade em que ele passa a viver, sua condição de imigrante é vista com desconfiança e a cor de sua pele passa a contar mais que suas ideias e seu caráter.

Para o personagem de *Americanah* (2013), assim como a narradora antiguana de "On seeing England for the first time" (1991) e a maioria dos indivíduos nativos de países de predominância étnica negra, essa discriminação resultante da cor da pele é uma infeliz novidade, pois na realidade em que cresceram, embora o homem branco tenha imposto a superioridade branca, entre seus iguais a cor negra era o padrão. Logo, mesmo que o racismo existisse, ocupava uma parte irrelevante de suas vidas. Em seus países nativos, eles nunca deixariam de ocupar cargos unicamente pela quantidade de melanina em seus organismos, ou deixariam de ser atendidos. Portanto, enfrentar essa nova realidade é lamentável. Esse preconceito também é apontado pela narradora antiguana:

And they were rude, they were rude to each other. They didn't like each other very much. They didn't like each other in the way they didn't like me, and it occurred to me that their dislike for me was one of the few things they agreed on. (KINCAID, 1991, p. 372).<sup>7</sup>

<sup>6</sup> Uma vez, quando ele tropeçou e caiu de joelhos, uma queda tão séria que voltou para o caminhão mancando, o motorista disse aos outros no depósito: 'Não ficou roxo porque já é preto!'. Eles riram. (ADICHIE, 2014, p. 213).

<sup>7</sup> E eles eram grosseiros, eram grosseiros uns com os outros. Eles não gostavam muito uns dos outros. Eles não gostavam uns dos outros da mesma forma que eles não gostavam de mim, e me ocorreu que não gostar de mim era uma das poucas coisas em que eles concordavam. (KINCAID, 1991, p. 372; tradução nossa).

A narradora chega à Inglaterra para perceber que, embora os britânicos não se dessem tão bem entre si, todos concordavam de alguma forma que ela não era bem-vinda em seu país. Ela, enquanto colonizada, se pergunta o que levava os colonizadores não só a inferiorizá-la, mas a fazê-la acreditar que não pertencia àquele lugar sobre o qual tanto teve que estudar nas aulas de História.

Para Fanon (2008), do ponto de vista do colonizado, o homem branco não só marginaliza o negro ao submetê-lo a uma condição de inferioridade, como anula qualquer produção negra, considerando-a indigna de valor:

[...] começo a sofrer por não ser branco, na medida que o homem branco me impõe uma discriminação, faz de mim um colonizado, me extirpa qualquer valor, qualquer originalidade, pretende que seja um parasita no mundo, que é preciso que eu acompanhe o mais rapidamente possível o mundo branco [...] (FANON, 2008, p. 94).

A lógica resultante dessa postura do homem branco dominador é incoerente, visto que ele impõe sua cultura, exige que o negro a siga a qualquer custo e o faz acreditar que é insignificante, e quando o negro corre para se igualar ao branco, não é aceito como igual. Seguindo essa linha de pensamento do colonizador, o negro nunca será bom o suficiente, nem quando segue seus próprios costumes nem quando tenta acompanhar os costumes ocidentais impostos a ele. Dessa forma, o negro sempre será submisso ao branco, o (ex-)colonizado sempre será subordinado ao (ex-)colonizador e o imigrante sempre será excluído pelo “nativo” europeu.

### **Considerações finais**

No processo de leitura e de análise das obras selecionadas de Adichie (2013) e de Kincaid (1991), concluímos que a perspectiva do (ex-)colonizado em relação ao (ex-)império que os dominou pode variar entre expectativas positivas ou negativas, uma vez que têm base na imagem que os próprios colonizadores impuseram ao nativo das ter-

ras que ocuparam. Essa expectativa, a depender de seu caráter, pode ser derrubada ou reforçada pela recepção do britânico, neste caso, e sua intolerância a diferenças.

No que diz respeito a Obinze, representante do romance nigeriano de Adichie, sua expectativa em torno da Inglaterra alimentada pelo imaginário construído pelo (ex-)colonizador britânico é derrubada pelos maus tratos e pela discriminação sofridos durante o período em que o personagem passa no país europeu. Durante sua juventude, cresceu ouvindo sobre as vantagens de viajar para a Europa e consumir produtos europeus. Devido à crença construída de que de fato o branco europeu é superior, abre mão de sua rotina na Nigéria para tentar a vida na Grã-Bretanha. Ele então deixa de ser um jovem estudante de classe média para ser tratado exclusivamente como um imigrante negro malquisto pelos cidadãos britânicos, tendo que se submeter a situações em que nunca se imaginou para sobreviver em um país tão predisposto a odiá-lo.

A narradora antiguana, por sua vez, tem suas expectativas quanto ao império reforçadas ao chegar à Europa, visto que ela já tinha uma opinião negativa do continente e do país que a subjugou. Ela sempre questionara essa imposição do inglês em sua rotina e a incoerência de seguir costumes europeus vivendo em um país caribenho. Sua visão da Inglaterra é confirmada ao chegar ao país, e o preconceito encontrado lá, na condição de caribenha negra, faz com que a personagem levante mais questões acerca dos motivos que levaram o colonizador a convencer todo um país e uma cultura de sua inferioridade.

Observamos que, apesar da visão negativa reforçada pela rejeição do (ex-)colonizado pelo (ex-)colonizador, esse indivíduo submetido à subordinação ainda se esforça, muitas vezes, para mimetizar o homem branco. Após uma vida inteira sendo condicionado a acreditar na superioridade do europeu, essa convicção dificilmente será revertida de todo ou em curto prazo. Assim, o hibridismo cultural, em que pese os avanços das últimas décadas, parece que continuará sendo forçado pelo (ex-)colonizado que migra para o (ex-)centro, em busca das promessas de uma “civilização superior”.

Este trabalho, portanto, faz parte de esforços para consciências renovadas, por meio da literatura, em nome da ampliação da emancipação das mentalidades e ações em

países/culturas pós-coloniais. Nossa expectativa é a de que o narrador pós-colonial alcance maior visibilidade com o tempo, que as narrativas que expõem a realidade e as experiências do (ex-)silenciado conquistem seu espaço no mosaico ocidental como obras de valor cultural e político, divulgando a validade da opinião construída pelo historicamente marginalizado e mostrando que toda história tem diversos pontos de vista, e que todos devem ser levados em conta.

### MIMICRY VERSUS EXPERIENCE IN KINCAID AND ADICHIE: THE EMPIRE FROM THE COLONIZED PERSPECTIVE

**ABSTRACT:** The colonized perspective about the Empire was ignored for centuries. Only one side of history was taken into account. In this paper, we discuss this neglected side, and what the colonized expectations are when they go the inverse way: migrate from their country to the so-called center. Therefore, we analyzed the novel *Americanah* (2013), by Chimamanda Ngozi Adichie, and the short story “On seeing England for the first time” (1991), by Jamaica Kincaid, relying on the theoretical framework developed by Ashcroft (1989) about the mimicry of the center, in addition to Bhabha’s (1998) theory regarding the social articulation of difference, and Fanon’s (2008) study about the white discrimination towards the subdued black men. We conclude that the colonized perspective can be surrounded by positive or negative expectations towards the British Empire, and these expectations can be overthrown or enhanced by getting to know the country which created them.

**KEYWORDS:** Chimamanda Adichie; Jamaica Kincaid; British Colonization; Postcolonial.

### Referências

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. *Americanah*. New York: Published by Alfred A. Knopf, 2013.

\_\_\_\_\_. *Americanah*. Tradução Julia Romeu. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

ASHCROFT, Bill et al. *The Empire writes back: theory and practice of post-colonial literatures*. New York: Routledge, 1994.

BHABHA, Homi. *O local da cultura*. Tradução de Myriam Ávila et al. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

CARVALHO, Isaías Francisco de. O narrador pós-colonial. *Anais do I CONLIRE - Congresso Nacional de Linguagens e Representações: Linguagens e Leituras*; UESC – Ilhéus, Bahia / outubro de 2009.

FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. Tradução de Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.

KINCAID, Jamaica. On seeing England for the first time. *Transition*. n. 51. Indiana University Press / The Hutchins Center for African and African American Research at Harvard University, 1991. p. 32-40.

WALCOTT, Derek. *Omeros*. Pref. e Trad. Paulo Vizioli. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

*Recebido em 22/04/2016.  
Aprovado em 20/05/2016.*